

DECODIFICAÇÃO DOS DISCURSOS GEOPOLÍTICOS DA MÍDIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Francisco Fernandes Ladeira
ffernandesladeira@yahoo.com.br¹

Vicente de Paula Leão
leaogeo@yahoo.com.br²

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma reflexão teórica e pesquisa de campo sobre a influência dos discursos geopolíticos da mídia no processo de ensino-aprendizagem em Geografia nos anos finais da Educação Básica. Nosso estudo apresenta algumas colocações sobre as relações mídia/público contempla as discussões sobre a importância da mídia na atual conjuntura geopolítica global e culmina na observação do cotidiano escolar. Embora se trate de uma pesquisa ainda em andamento, é possível constatar que, de maneira geral, apesar de não possuir o mesmo poder de convencimento registrado em outras épocas, o discurso midiático, no tocante às questões geopolíticas, ainda é o principal fator que condiciona tanto a formação de opinião do professor quanto à construção do conhecimento por parte dos alunos. Não obstante, grande parte dos docentes ainda concebe o material midiático apenas como mais um recurso didático e não como objeto de estudo a ser sistematizado em sala de aula.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, geografia, professor.

Introdução

Na conjuntura atual das relações internacionais, a mídia tem desempenhado papéis estratégicos, tanto como *ator* quanto como *instrumento* geopolítico.

Na função de *ator geopolítico*, ela pode ser capaz de influenciar algumas das principais decisões que são executadas em nível mundial.

Conforme aponta a “teoria construtivista”, os grandes veículos de comunicação são atores extremamente relevantes na configuração das relações internacionais, pois “na sociedade da informação, a política internacional não é somente feita por meio da mídia, mas também percebida através dela” (CAMARGO, 2012, p. 136).

De acordo com a teoria conhecida como “*CNN Effect*”, a mídia pode impor

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Este trabalho é produto de pesquisa de Mestrado em andamento sobre as relações entre ensino de Geopolítica e meios de comunicação de massa.

² Professor da Universidade Federal de São João del-Rei.

determinadas pautas e influir peremptoriamente em algumas das principais decisões governamentais.

Por outro lado, como *instrumento geopolítico*, a mídia é uma espécie “esfera pública internacional sem fronteiras”. Nesse sentido, o espaço de visibilidade midiática pode ser entendido como “arena” em que diferentes atores geopolíticos (hegemônicos e contra-hegemônicos) se confrontam simbolicamente para apresentar seus argumentos com o objetivo de convencer o público a aderir a uma determinada agenda política ou corrente ideológica.

Via de regra, um acontecimento que não esteja presente nos meios de comunicação de massa não “existe” sob o ponto de vista geopolítico. Todavia

, a maior parte do conteúdo dos noticiários internacionais que circula pelo planeta é distribuída por agências que selecionam as informações consideradas relevantes e as apresentam como notícia. Por sua vez, o jornalismo internacional da grande mídia brasileira segue a mesma linha ideológica das agências de notícias. As

matérias midiáticas sobre o mundo muçulmano geralmente apresentam palavras e expressões com forte carga semântica negativa como terrorismo, intolerância, Guerra Santa, fanatismo, barbárie e fundamentalismo.

Já o olhar da mídia brasileira sobre a América Latina é condicionado por parâmetros culturais europeus e, sobretudo, estadunidenses. Conseqüentemente, os governos do subcontinente que tenham posturas minimamente contrárias aos interesses das grandes potências mundial tendem a ser representados de maneira negativa nos noticiários internacionais.

Embora um considerável número de pesquisas tenha demonstrado que o processo de comunicação não é simétrico, ou seja, os efeitos de sentido projetados e esperados pela instância emissora não são necessariamente os mesmo produzidos na instância de recepção, é importante ressaltar que, no tocante às questões internacionais, em que os pontos de vistas alternativos aos discursos midiáticos são menos eficazes e abrangentes, os grandes veículos de comunicação ainda tendem a exercer uma considerável influência em grande parte do público, pois eles “estabelecem as condições de nossa experiência do mundo além das esferas de interação nas quais vivemos” (FISHMAN, 1980, p. 143 *apud* WOLF, 2009, p. 143).

Para orientar, familiarizar e posicionar o público em relação ao complexo xadrez geopolítico global, os meios de comunicação de massa recorrem a simplificações estereótipos,

tipificações, maniqueísmos, chavões, personificações, generalizações, “opiniões prontas” e concepções de mundo já formadas.

Diante dessa realidade, as aulas de Geografia na Educação Básica podem se constituir em importantes espaços de ressignificação crítica dos discursos midiáticos e para a desconstrução de truísmos geopolíticos sedimentados no imaginário popular, pois categorias de análise da ciência geográfica como espaço, território, lugar ou escala também estão constantemente presentes nos noticiários internacionais.

Autores como Pontuschka (2001) e Leão (2003) pontuam que a utilização de diferentes linguagens midiáticas na geografia (documentários, filmes, programas de televisão, textos de jornais, revistas e Internet) consiste em importante ferramenta pedagógica, podendo auxiliar na compreensão e crítica da produção do espaço.

Contudo, é preciso que o uso do material midiático em sala de aula supere a posição de mera ilustração didática e a reflexão de professor e alunos tenha como ponto de partida o conhecimento geográfico.

Sendo assim, o presente trabalho pretende aferir como professores e alunos do ensino básico decodificam e apreendem os discursos geopolíticos da mídia.

Público participante

Participaram desta pesquisa professores de Geografia e estudantes do Ensino Médio das redes públicas e particular dos municípios mineiros de Barbacena e São João del-Rei. A escolha de alunos do ensino secundário se deve ao fato de estes já apresentarem maturidade intelectual suficiente para conceder respostas satisfatórias sobre questões geopolíticas. Além do mais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os conteúdos didáticos referentes aos estudos geopolíticos estão presentes na grade curricular de Geografia do Ensino Médio.

Hipóteses

O presente trabalho parte de duas hipóteses: 1) O conteúdo midiático, principalmente em questões geopolíticas, influencia o discurso do professor e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno. 2) Os professores de Geografia utilizam o material midiático como mais um recurso didático, e não como objeto de estudo a ser sistematizado.



Metodologia

Este estudo contempla as discussões sobre a importância da mídia na atual conjuntura geopolítica global, analisa os noticiários internacionais da imprensa brasileira, apresenta algumas colocações sobre as relações mídia/ensino e culmina na observação do cotidiano escolar.

Ressaltam-se pontos de aproximação e contraste entre as principais teorias formuladas para compreender a influência dos meios de comunicação de massa no comportamento das pessoas em geral e sobre as atuações da mídia como ator e instrumento geopolítico. São analisados noticiários internacionais dos principais veículos da mídia brasileira e realizado um levantamento sobre seus repertórios lexicais.

A pesquisa de campo adotou uma metodologia de cunho qualitativo, por meio da convivência sistemática no cotidiano escolar, gravações de áudio, filmagens, conversações informais, exibição de imagens e entrevistas elaboradas com questões predominantemente abertas, para que os sujeitos envolvidos pudessem expressar livremente suas concepções sobre as temáticas propostas.

Teste da primeira hipótese

Para testar a primeira hipótese – o conteúdo midiático, principalmente em questões geopolíticas, influencia o discurso do professor e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno – foram aplicados questionários para conhecer as diferentes concepções de professores e alunos em relação aos discursos geopolíticos da mídia. No questionário dirigido aos professores de Geografia constaram perguntas sobre seus entendimentos a respeito dos processos de manipulação midiática, sobre os veículos de comunicação (revistas, jornais, sites, blogs, programas de televisão, rádio, etc.) utilizados para preparação de aulas de geopolítica e para se manterem informados sobre os principais acontecimentos nacionais e internacionais. Também se colocaram questões sobre o processo de formação de professores (se houve durante a graduação a aquisição de conhecimentos para entender o discurso midiático e sua relação com o ensino de Geografia) e a respeito do cotidiano escolar (principais dificuldades encontradas por docentes para trabalhar os conteúdos geopolíticos da atualidade em sala de aula).

Para aferir como ocorre o processo de decodificação dos conteúdos visuais



divulgados pela mídia, um grupo de alunos foi interpelado sobre quais ideias lhes vinham à mente ao entrarem em contato com imagens que remetem a temáticas geopolíticas.

Invertendo o procedimento analítico, para outro grupo de estudantes foi solicitado que relatassem suas “imagens acústicas” sobre palavras que os meios de comunicação de massa utilizam constantemente em noticiários. Posteriormente, as respostas concedidas por discentes e docentes foram comparadas com os conteúdos dos noticiários internacionais da mídia brasileira.

Teste da segunda hipótese

A segunda hipótese – os professores de Geografia utilizam o material midiático como mais um recurso didático, e não como objeto de estudo a ser sistematizado – foi testada durante as observações em sala de aula.

Aferiram-se os valores e conceitos presentes em discursos de professores de Geografia em aulas que abordam questões geopolíticas e se estes possuem linguagem acessível e condizente à realidade do corpo discente.

Também foi importante compreender como os docentes trabalham com o material midiático em suas aulas, se promovem sua ressignificação crítica, identificando possíveis jogos de poder, efeitos ideológicos e relações hierárquicas que estão por trás das condições de produção de um determinado discurso.

Em todas as etapas deste trabalho, a sala de aula foi concebida não como reprodutora automática de conceitos e teorias geográficas sistematizadas na universidade, mas como espaço privilegiado de construção de novos e importantes conhecimentos. Professores e alunos, em todas as instituições de ensino visitadas, participaram ativamente no desenvolvimento da pesquisa de campo.

Resultados preliminares

Embora se trate de uma pesquisa em andamento, por meio da observação do cotidiano em sala de aula tem sido possível avaliar quais os riscos e as diferentes possibilidades de utilização do material midiático no ensino de Geografia na escola básica.

Frequentemente os professores introduzem as questões geopolíticas em sala de aula sem realizar uma apresentação prévia sobre os principais conceitos que serão trabalhados. Como docentes e discentes possuem visões diferentes sobre termos como Estado, nação, democracia ou território, não foi por acaso que maioria dos alunos abordados por este

trabalho aponta a linguagem utilizada pelo professor e o não entendimento de palavras-chave do léxico geopolítico como principais dificuldades para absorção do conteúdo didático.

Mesmo os educadores que possuem discursos relativamente alheios a ideologia midiática ainda apresentam dificuldades didáticas como relacionar questões geopolíticas com o conhecimento geográfico, contextualizar histórica e espacialmente os principais focos de conflito mundiais, imposição do ponto de vista docente aos alunos ou trabalhar com o material midiático apenas como mais um recurso didático e não como objeto de estudo a ser sistematizado.

Desse modo, ao negligenciar os jogos de poder e interesses ideológicos que estão por trás da utilização de determinadas palavras, o professor contribui para que seus alunos reverberem simplificações, preconceitos e maniqueísmos presentes nos discursos midiáticos e no senso comum.

Já os alunos participantes desta pesquisa decodificaram as imagens as quais foram apresentados (criança refugiada síria morta em uma praia europeia, árabe de turbante, símbolo do comunismo, Estátua da Liberdade) a partir de concepções propagadas pela mídia.

A utilização do sistema televisual tanto por professores quanto por alunos como principal fonte de informação geopolítica também pode trazer alguns problemas.

Como as principais redes de televisão brasileiras recorrem constantemente aos conteúdos distribuídos pelas grandes agências de internacionais, a tendência predominante é a forte homogeneidade e uniformidade dos noticiários internacionais.

De acordo com Leão e Carvalho Leão (2008), a televisão, por ser utilizada principalmente como forma de lazer, pode fazer com que os telespectadores se postem diante dela de forma acrítica e passiva. Para Charaudeau (2012, p. 112), “como imagem é consumida como um bloco semântico compacto, quer pela transparência, quer pela opacidade, a televisão é pouco apropriada para discriminar, analisar, e explicar”.

O fato de operar a partir de aspectos subjetivos da audiência, de os enviados especiais acompanhem *in loco* um determinado acontecimento geopolítico, concede certo status de legitimidade à televisão, fato que pode levar muitos telespectadores, sem a experiência concreta do acontecimento ou fonte alternativas de informação, à confundirem a representação da realidade feita pelo jornalista com a própria realidade em si.

Charaudeau (2007) adverte que a patemização – prática de suscitar na audiência estados emocionais como compaixão, horror ou raiva mediante determinados estímulos – é uma poderosa estratégia utilizada pela mídia televisiva responsável por deformar a percepção

e muitas vezes dificultar reflexões mais aprofundadas sobre os acontecimentos.

Em escolas particulares, muitos alunos se interessam por assuntos geopolíticos apenas por ser uma temática constantemente presente em avaliações como o ENEM e nos vestibulares mais concorridos de universidades e institutos federais.

Essa questão pode implicar na assimilação do conteúdo didático de maneira funcionalista, voltada à memorização, sem análises aprofundadas, favorecendo, conseqüentemente, a construção de conhecimentos que, embora sejam suficientes para obter desempenhos satisfatórios em avaliações, são destituídos de pensamento crítico.

Devido à grande concorrência entre escolas privadas por alunos/clientes, os professores dessas instituições utilizam (ou são pressionados a adotar) metodologias que não estão voltadas para o exercício da cidadania, mas almejam atingir o maior número possível de aprovações em concursos.

Diante dessa realidade, constatamos que a utilização de materiais midiáticos em sala de aula não está voltada para sua interpretação crítica, mas, sobretudo para a mera “atualização” de informações que podem vir se cobradas em avaliações e concursos.

Mesmo não possuindo o poder de convencimento registrado em outras épocas, o discurso midiático ainda é fator determinante para a construção dos imaginários geopolíticos de professores e alunos.

Considerações finais

A mídia não busca simplesmente transmitir de maneira isenta uma informação qualquer, mas fazer com que as suas representações e interpretações sobre o real se transformem na própria realidade.

Em contrapartida, o receptor não é um agente passivo frente ao conteúdo midiático. Quanto maior o conhecimento à sua disposição sobre um determinado assunto, menor será a influência dos meios de comunicação de massa.

Lembrando o socioconstrutivismo formulado por Lev Vygotsky (1984), o conhecimento escolar se constrói pelo confronto entre conceitos cotidianos, inerentes à própria experiência de vida do aluno, e conceitos científicos, trabalhados em sala de aula.

Sendo assim, os conhecimentos prévios dos discentes podem ser os parâmetros iniciais para que estes possam desempenhar papéis ativos na construção dos seus próprios conceitos, ao invés de meros reprodutores do conteúdo didático. “A partir do momento que o aluno

visualiza sua inserção no contexto local conseguirá compreender o contexto regional, nacional e global. Assim, a utilização dos saberes geográficos no cotidiano dos alunos contribuirá para melhorar os resultados da prática docente” (SILVA; SILVA, 2012, p. 3) .

Entende-se que cabe o professor não o mero ofício de transmissor de conhecimentos, mas atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem e instigar seus alunos “a chegar ao conhecimento mediante à reflexão pessoal, ou seja a aprendizagem como investigação” (CAVALCANTI, 1996, p.172).

Portanto, todo o conhecimento produzido em sala de aula deverá ter o aluno como protagonista.

Para tanto, o professor pode apresentar aos seus alunos diferentes pontos de vista, fontes de informação alternativas e contextualizações históricas e espaciais para que, no tocante aos estudos geopolíticos, o senso de julgamento de seus alunos não fique refém de um enquadramento midiático que busca explicações simplórias para os mais complexos temas da atualidade.

Consideramos que as instituições escolares podem se constituir em importantes espaços para formar futuros cidadãos engajados e, como bem frisava Paulo Freire (1996), fomentar uma educação libertadora, democrática, desveladora e crítica, que permita o pleno desenvolvimento ontológico do ser humano. Se, por um lado, as constatações apresentadas nesta pesquisa, apesar de parciais, já apontam importantes observações sobre recepção e utilização didática de materiais midiáticos, por outro lado, este estudo também apresenta limitações, pois, foi realizado predominantemente em nível regional.

Desse modo, para maior e melhor compreensão do tema proposto, são necessários estudos com amostragens mais amplas, em âmbito nacional, para investigar e obter respostas consistentes sobre como os discursos midiáticos influenciam o processo de ensino-aprendizagem em Geografia nos anos finais da Escola Básica.

Referências bibliográficas

CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e Relações Internacionais: lições da Invasão do Iraque em 2003*. 1. ed. (ano 2009) 2ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimento*. Campinas: Papirus, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: Mendes E. & Machado I.L. (org.), *As emoções no discurso*, Campinas: Mercado das Letras, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

FISHMAN, M. Manufacturing the News. Austin: University Of Texas Press, 1980. In: WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEÃO, Vicente de Paula; CARVALHO LEÃO, Inêz Aparecida de. *Ensino de Geografia e Mídia: linguagens e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Argumentum. 2008.

LEÃO, Vicente de Paula. *O uso da mídia no ensino da geografia na educação básica*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1998.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: Pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142.

SILVA, Maria do Socorro Ferreira da; SILVA, Edmilson Gomes da; O ensino da Geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. In: *VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, 2012, São Cristóvão. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. v. 1.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

